

Confronto dos poderes

Sarney arrumou o "gol" para Ulysses, afirma Richa

CLÓVIS ROSSI
Da Reportagem Local

O senador José Richa (PSDB-PR) recorre à linguagem do futebol para descrever a crise entre o Executivo e o Legislativo: "O Sarney ergueu a bola na área, tirou o goleiro e o Ulysses só teve o trabalho de empurrar a bola para o gol".

O senador tem razão: a escalada verbal do governo contra o Congresso constituinte, iniciada com a proposta do líder pefelista José Lourenço de "zerar" o jogo, não foi acompanhada nem de uma preparação adequada para dar consequência prática à ofensiva retórica e nem de iniciativas sérias de negociação para, por meio dela, retirar do projeto constitucional o que o Planalto considerava inconveniente.

É verdade que, no domingo, houve uma reunião entre o presidente e os ministros militares, em que estes deram apoio às restrições do governo contra o texto constitucional. Mas ficou nisso, conforme sondagem feita nas últimas 48 horas pelos políticos de oposição que têm trânsito na área militar, como Richa.

Não havia intenção de levar o confronto verbal ao limite do confronto institucional.

Se não havia, a alternativa era a negociação, mas ela não foi conduzida seriamente. O deputado Néilson Jobim (RS), líder do PMDB, diz que recebeu uma "listagem ampla" dos itens que o governo queria suprimir, que aceitou "uma série deles" mas que, imediatamente, o governo passou a propor mudanças nas regras de votação.

A proposta era a de concentrar as votações de pontos polêmicos numa semana do mês, de forma a facilitar o comparecimento maciço dos governistas. Jobim mostrou que não poderia aceitar essa proposta sem submetê-la à sua bancada, porque, afinal, cada constituinte que apresentou emendas gostaria de vê-las apreciadas em dia de casa cheia.

Quando Sarney foi à TV, na noite de terça-feira, oficializou o confronto Executivo-Congresso, que até então poderia ser tido como mais uma excentricidade de José Lourenço.

Ulysses acusou o golpe duplamente: primeiro, por considerar a iniciativa presidencial uma intromissão indevida no Congresso constituinte, com uma agravante: como não havia negociação séria e ele não poderia aceitar a mudança nas regras de votação, o risco da iniciativa palaciana era o de produzir o vazio institucional, pela rejeição do texto aprovado em 1º turno, sem que houvesse nada para pôr no lugar.

O jurista Miguel Reale Junior,

assessor técnico de Ulysses, chegou a dizer que a rejeição significava, automaticamente, a dissolução do Congresso constituinte.

Além disso, Ulysses achou que Sarney pusera ênfase nos gastos adicionais da Previdência Social, justamente a pasta comandada por seu amigo Renato Archer, que apresentara contas radicalmente diferentes das que o Planalto usou no discurso do presidente.

Estava armado o palanque para o

contra-ataque de Ulysses. Logo cedo, ele sentou-se à mesa da biblioteca de sua casa para redigir o discurso que faria à tarde, municiado por dados fornecidos por Archer, no aspecto previdenciário, e por Reale Junior, no aspecto técnico-jurídico-político.

Na hora do almoço, recebeu das lideranças peemedebistas a avaliação que faltava: havia na Casa cerca de 500 constituintes e a aprovação do texto era certa, por

pelo menos 320 votos. Aquela altura, até Henrique Hargreaves, assessor parlamentar do Planalto, dava por derrotada por 310 votos a tese palaciana de rejeição do texto.

O resto foi quase mecânico: na esteira do discurso de Ulysses, foram 403 os constituintes que votaram pelo texto original, sepultando o risco de vazio institucional e pavimentando o caminho para a negociação desejada por Ulysses, mas nos seus termos.

"Continuamos acreditando na negociação, mas não havia porque alterar o mecanismo de votação", disse, sintomaticamente, após a votação, o líder do PMDB na Câmara, Ibsen Pinheiro, aliado incondicional de Ulysses.

De quebra, Ulysses conseguiu o aplauso dos desconfiados "progressistas" de seu partido, de olho na Convenção Nacional do PMDB, marcada para 21 de agosto e que definirá o rosto do partido. "Nós

sempre dissemos que Ulysses era nosso aliado em potencial, mas que ele teria que escolher o lado. Com o seu discurso, ele se definiu contra os conservadores do Centrão", diz Hélio Duque (PMDB-PR), um dos comandantes da ala "progressista".

O desfecho do episódio só reforçou a impressão do senador Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP) de que Sarney jogara no confronto como fórmula de desviar a atenção da crise econômica.